

Seguindo
a lenda



Seguindo a lenda



Amy Le Feuvre



São Paulo, SP

Copyright © 1899, Amy le Feuvre.

Título do original: Legend-led

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.^a edição, 2026

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Jorge A D Romero*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Le Feuvre, Amy Le, 1861-1929y

Seguindo a Lenda / Amy Le Feuvre; [tradução Paula Jacobini]. – 1. ed. – São Paulo: Editora Gadel, 2026.

Título original: Legend-Led

ISBN 978-65-83273-08-6

1. Cristianismo – Literatura infantojuvenil

2. Moral cristã I. Título.

26-330218.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Cristianismo : Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129







Sumário



Prefácio à edição brasileira.....	7
1. Uma busca antiga.....	9
2. Tentando encontrar	23
3. Quase um sucesso.....	41
4. Um cavaleiro aleijado.....	57
5. A chegada do Ogro.....	73
6. Uma grande decepção.....	89
7. Aconselhando o inimigo.....	103
8. Andarilhas da noite	119
9. Um estranho despertar	133
10. Reivindicada.....	147
11. Um lampejo de luz.....	161
12. A rebelião.....	177
13. A “Coisa Santa”	193





Prefácio à edição brasileira

Há livros que se erguem como pontes entre mundos – entre o cotidiano e o ideal, entre o visível e o eterno. *Seguindo a lenda*, de Amy Le Feuvre, é uma dessas obras. Em sua essência, ela não é apenas uma narrativa edificante, mas um diálogo com um dos mitos mais duradouros da literatura ocidental: a lenda do Rei Arthur e de seus cavaleiros.

Le Feuvre, profundamente moldada pela tradição cristã e pelo imaginário vitoriano, empresta das lendas arthurianas não as espadas ou os feitos heroicos, mas o coração moral que as sustenta: o anseio por pureza, honra e fé em meio à fragilidade humana. A autora não reconta as aventuras de Camelot — ela as reflete, como

em um espelho doméstico, onde cada gesto simples pode conter um eco do ideal cavaleiresco.

A presença de Tennyson, especialmente de sua obra *Idílios do Rei*, é inegável. Em seus versos, o poeta laureado transformou o ciclo arthuriano em uma meditação sobre a alma e suas lutas – e é esse mesmo espírito que Amy Le Feuvre recolhe e traduz em linguagem acessível às crianças e jovens de sua época. Se Tennyson via no Rei Arthur o símbolo da busca pela santidade num mundo dividido, Le Feuvre vê nos seus pequenos protagonistas a mesma busca, travada não em campos de batalha, mas dentro do coração.

Assim, ler *Seguindo a lenda* é reencontrar o idealismo de uma era que via na literatura um instrumento de formação moral e espiritual. É também perceber como as antigas lendas, ao passarem pelas mãos de uma escritora cristã, tornam-se parábolas de fé e de graça.

Que esta tradução brasileira permita ao leitor moderno enxergar o brilho sereno dessa tradição, na qual mitos e virtudes se entrelaçam e até as histórias mais singelas apontam para o Rei verdadeiro, que reina não em Camelot, mas no coração dos redimidos.



Uma busca antiga

Era uma tarde muito quente de julho. Numa sala da frente, com uma grande janela em sacada que dava para o mar e a praia, estavam os três pequenos Thurstons, tomando seu chá em volta de uma mesa redonda, sob a supervisão de sua tutora, Srta. Gubbins. O ar estava abafado; os rostinhos das crianças, quentes e – se me permitem dizer – pegajosos; e a Srta. Gubbins recostava-se na cadeira, abanando-se com um jornal e observando, com preguiçosa admiração, seus pupilos devorarem fatia após fatia de pão com manteiga, enquanto

esvaziavam entre si um grande prato de camarões, sem nunca cessarem de tagarelar durante a refeição.

Donald, o mais velho, era um menino vivo e bonito, que pensava e agia por conta própria, e, por causa desse espírito independente, estava quase sempre em apuros. Claud, de cabelos claros e porte robusto, tinha uma vontade tão firme quanto a de Donald, mas mostrava-se sempre disposto a ouvir conselhos; e Gypsy, como era chamada (embora seu verdadeiro nome fosse Eleanor), era uma garotinha de aparência delicada e modos suaves, com um jeito ágil como uma donzela e um ânimo tão altivo quanto o de seus dois irmãos.

— Uma turminha danada! — dizia a proprietária da pousada que os tinha como hóspedes há alguns anos.

— As pragas do pedaço! — diziam as duas senhoras recatadas da casa ao lado.

— E as crianças mais adoráveis do mundo... quando são comportadas — dizia a Srta. Gubbins.

A Stra. Gubbins levava a vida com muita tranquilidade. Vestia-se sempre de cinza, era muito míope e nutria uma paixão ardente pela poesia – paixão essa que se esforçava por incutir em seus pupilos. Não era uma mulher jovem, mas tinha uma simplicidade de

alma e de coração que a mantinha sempre próxima das crianças. Sua disciplina não era severa e, excetuando-se as três horas de estudo pela manhã, seus aluninhos eram deixados bastante à vontade. Procurava, acima de tudo, cultivar bons princípios em suas mentes, e não passava disso. Ela se sentava agora, como sempre fazia, ouvindo a conversa, mas não participando dela, a menos que fosse solicitada.

— O velho Cole disse que me emprestaria um pouco de tinta vermelha, para eu escrever em letras grandes do tamanho da vida — disse Donald, com um pouco de arrogância em seu tom.

— O que você vai escrever? — perguntou Claud, pensativo, enquanto sugava a cabeça de um camarão e a colocava na borda do prato com um suspiro, pensando que não extrairia mais nada dela.

— “Propriedade dos residentes”.

— Que palavras difíceis! — e Gypsy abriu seus olhos azuis o máximo que conseguia.

— Os invasores serão multados! — continuou Donald.

— O que significa “multar”? — perguntou Gypsy.

— Queimados em uma fogueira, cortados em pedacinhos, afogados, com braços e pernas extirpados

e olhos arrancados com forquilhas em brasa! — respondeu Claud com uma alegre certeza.

— Isso é mutilar, seu bobão!

O tom de Donald era de desprezo. Ele acrescentou:

— E se isso não for suficiente para manter os hóspedes longe do nosso canto, lutarei com cada um deles!

— Você não bateria neles. Talvez nos maiores, mas não nas “crianças de babá”, nem nas “crianças de tutoras”; e há dois grupos de “crianças de tutoras” que virão amanhã, os Stevens e os Burkes, que estiveram aqui no ano passado!

— Vou pedir ao velho Cole para me ajudar.

— E eu também vou ajudá-lo, e vou calçar minhas botas, porque assim os chutes vão doer mais!

Isso foi dito por Gypsy, cujos olhos brilhavam em antecipação ao confronto que estava por vir.

Então, a Srta. Gubbins falou:

— Do que vocês estão falando? Não me deixem ouvir falar de vocês brigando com ninguém!

— Ora, esta parte da praia é nossa: tem aquela grande rocha, o maior quebra-mar, e somos residentes daqui, não somos, Gubby? — disse Donald, entusiasmado, agitando a xícara de chá na mão como se fosse

uma clava de guerra. — E as crianças que são hóspedes não vão nos expulsar; dois meninos tentaram hoje à tarde, e vamos mostrar a eles quem somos!

— E eram só crianças de babá, também! — exclamou Claud com desprezo.

— Não entendo o que você quer dizer com “crianças de babá” — disse a Srta. Gubbins.

— Ah, Gubby, você sabe! Nós lhe explicamos outro dia; são aquelas que ficam com as babás, claro. Todas as crianças que vêm aqui pertencem a três grupos¹. As “crianças de tutoras” ficam acompanhadas da tutora; são os mais animados. Alguns dos “de babá” não são ruins, mas as babás são horríveis; e há as “crianças de mãe”, que são as piores de todas! Têm modos refinados,

1 Em alguns textos vitorianos, especialmente os que retratam casas grandes de famílias abastadas, era comum distinguir três grupos de crianças conforme sua idade, supervisão e grau de integração social: *nursery children* (aqui traduzido como “crianças de babá”) eram crianças pequenas sob os cuidados da ama, alojadas separadamente; *schoolroom children* (aqui traduzido como “crianças de tutoras”) eram crianças em idade escolar, sob supervisão de uma governanta ou preceptora, com rotina de estudos próprios; e *mother’s children* (aqui, crianças de mãe) eram as crianças já suficientemente crescidas para acompanhar a mãe nos convívios sociais. Estas distinções não são meramente nominalistas: implicam diferentes localizações físicas na casa, horários e modos de comportamento. [N.E.]

os melhores vestidos e luvas de couro, e ficam no salão social com as mulheres!

A Srta. Gubbins sorriu.

Donald continuou:

— E os residentes têm prioridade, antes dos hóspedes. A praia pertence a nós no inverno, e não vamos abrir mão do nosso cantinho de estimação no verão para qualquer mero hóspede.

— Vocês não serão mais residentes daqui por muito tempo — disse a Srta. Gubbins, levantando-se. — Só estou esperando vocês tomarem o chá para lhes contar sobre isso. Tive notícias de seu meio-irmão esta manhã.

Houve gritos com isso.

— O Ogro!

— Ele está vindo nos ver?

— O que ele disse?

A Srta. Gubbins não satisfez nenhuma curiosidade até que as coisas do chá tivessem sido retiradas, as mãos e os rostos, lavados, e um pequeno grupo arrumado se reunisse ao seu redor.

As crianças sempre ficavam curiosas quando havia alguma correspondência entre Victor Thurston e sua tutora. Ele era quase um estranho para elas. Havia ido

para o exterior quando seu pai se casou com uma jovem esposa e nunca mais viu as crianças até a morte da mãe delas, que ocorreu quando Gypsy nasceu. Depois, voltou para casa por alguns meses, pois seu pai ficou doente e seguiu sua segunda esposa para o túmulo, seis meses após sua morte. Victor fez os preparativos para que as crianças fossem levadas para a Srta. Gubbins, que era amiga da mãe deles, e ela passou a morar com eles no litoral, onde permaneceram desde então. Depois, Victor foi para o exterior novamente e, além de uma breve visita em um verão, durante a qual ele inspirou nas crianças a maior reverência, não esteve perto delas.

— Diga-nos, Gubby, logo! — implorou Claud. — Ele está vindo para cá?

— Não, mas estamos indo até ele. Agora não gritem mais, e eu lhes contarei. Um tio de vocês morreu e deixou para seu irmão uma velha casa no campo. Ele diz que é muito grande para ele viver sozinho e quer que vamos para lá imediatamente.

— O Castelo do Ogro! Hip, hip, hurra! Estamos indo amanhã?

— No final da próxima semana.

— E ele está lá?